



## Avaliação da autoimunidade nos pacientes com urticária ao frio

Ana Luisa Barbosa Belarmino, Helena Abelha Stremlow, Dina Larissa da Silveira Capelasso, Paula Savioli Silveira, Mayara de Castro Silva Del Castillo, Rhayffa Couceiro Costa, Veridiana Aun Rufino Pereira, Andrea Pescadinha Emery de Carvalho\*

**Introdução:** A associação entre urticária crônica espontânea e autoimunidade têm sido bem documentada; porém, alguns autores acreditam que uma das causas secundárias de urticária ao frio seja a presença de autoanticorpos. **Objetivo:** O estudo avaliou a presença de autoimunidade nos pacientes com urticária ao frio, mediante o resultado do nível sérico de anticorpos antitireoidianos (AAA) – o anticorpo antitireoperoxidase (Anti TPO) e o anticorpo antitireoglobulina (Anti TG) – e do teste do soro autólogo (TSA). **Métodos:** Estudo retrospectivo a partir da avaliação de prontuários de pacientes com queixa de urticária induzida, submetidos ao teste de urticária física, com positividade no teste do gelo, entre janeiro de 2013 a novembro de 2017. **Resultados:** A partir da análise dos resultados de 252 testes de urticária física, selecionamos 19 pacientes com teste do gelo positivo. Foram avaliados os prontuários destes pacientes, com idades entre 13 e 71 anos. Destes, 12 (63%) eram do gênero feminino. Dos 19 pacientes com teste do gelo positivo, 11 realizaram investigação para autoimunidade, sendo que 7 fizeram o TSA e 10 pesquisa de AAA. Encontramos positividade de 29% para TSA e de 20% para AAA. Com relação ao acompanhamento, 2 dão seguimento. Conseguimos contato com 8, onde 6 relataram que mantém os sintomas, quando em contato com o frio. Destes, apenas, um faz uso de levocetirizina diário para controle e 3 fazem uso de anti-histamínico, se crise. Os outros referem que já apresentam melhora após retirada da exposição ao agente causador. **Conclusões:** A positividade ao TSA e dos AAA sugere, também, uma etiologia autoimune na urticária ao frio, embora novos estudos sejam ainda necessários para se estabelecer essa real prevalência e a análise de outros fatores que possam estar envolvidos na positividade destes testes.

\* IAMSPE, São Paulo, SP.

## Avaliar a frequência de teste do soro autólogo positivo em pacientes com doenças autoimunes

Larissa de Queiroz Mamede, Luana Pereira Maia, Grazielly de Fatima Pereira, Laís Souza Gomes, Franciane Bruschi Almonfrey, Jorge Kalil, Antonio Abílio Motta, Rosana Câmara Agondi, Myrthes Toledo Barros\*

**Racional:** A presença de autoanticorpos funcionais contra receptores de IgE ou contra a IgE ligada a seu receptor em mastócitos cutâneos pode ser avaliada *in vivo* por meio do teste cutâneo com soro autólogo (TSA). O TSA está associado à presença de vários outros autoanticorpos nos pacientes com urticária crônica (UC). O objetivo deste estudo foi avaliar a positividade do TSA nos pacientes com doenças autoimunes com ou sem urticária crônica. **Métodos:** Foram avaliados os prontuários de pacientes com diagnóstico de doenças autoimunes (DAI), excluindo-se doença da tireoide autoimune, em acompanhamento em um centro terciário. Foram incluídos os pacientes que haviam realizado o TSA no período de 2005 a 2018. Foram avaliados os dados demográficos, a presença de urticária crônica associada, refratariedade aos anti-histamínicos, angioedema e frequência de autoanticorpos. **Resultados:** Vinte e dois pacientes com DAI participaram do estudo, sendo 95,5% do sexo feminino. A média de idade foi de 51,3 anos, idade do início da DAI de 38,8 anos e 50% dos pacientes apresentavam lúpus eritematoso sistêmico (LES). Dezesesseis pacientes apresentavam UC associada e, destes, 12 (75%) apresentavam UC espontânea. O TSA estava positivo em 68,2% dos pacientes com DAI. O fator anti-nuclear (FAN) estava presente em 77,3%, variando de 1/80 a 1/1280. Os autoanticorpos anti-tireoidianos distribuídos em anti-TPO positivos em 27,3% e anti-TG, em 36,4% dos pacientes. Nos pacientes com UC associada à DAI, a urticária antecedeu a DAI em 62,5% dos casos. **Conclusão:** Nosso estudo observou uma frequência elevada de TSA positivo nos pacientes com DAI, independente da presença de UC associada. Do mesmo modo, os autoanticorpos antitireoidianos estavam presentes na maioria dos pacientes com DAI, embora a doença da tireoide autoimune tenha sido excluída. Portanto, este resultados reforçam a associação de várias doenças autoimunes em um mesmo paciente, como descrito na literatura.

\* Universidade de São Paulo - USP.

## Hipersensibilidade a medicamentos no lúpus eritematoso sistêmico: gatilho ou predisposição genética em comum?

Mateus da Costa Machado Rios, Luiz Alexandre Ribeiro da Rocha, Gladys Reis e Silva de Queiroz, Almerinda Maria do Rego Silva, José Angelo Rizzo, Filipe Wanick Sarinho, Carolina Gomes Sá, Mayara Madruga Marques, Tãmisa Carmelitana Cipriano da Silva, Emanuel Sávio Cavalcanti Sarinho\*

**Racional:** O estudo objetivou avaliar se hipersensibilidade a medicamentos é mais frequente em pacientes com lúpus eritematoso sistêmico (LES) do que na população em geral. **Metodologia:** Estudo clínico, de base hospitalar, em que se procedeu um tratamento analítico do tipo caso controle em que LES foi o desfecho e hipersensibilidade a medicamentos como uma possível exposição. Foram selecionadas 53 pacientes, do sexo feminino, diagnosticadas com lúpus eritematoso sistêmico e 56 mulheres sem este diagnóstico do ambulatório de gineco-obstetrícia que foram avaliadas clinicamente e responderam a questionário padronizado. **Resultados:** As pacientes do estudo variavam de 16 a 66 anos com mediana semelhante nos dois grupos. A proporção de hipersensibilidade a medicamentos nas pacientes portadoras de lúpus eritematoso sistêmico foi 18/53 (34%) e apenas 5/56 (8,9%) no grupo controle ( $p = 0,001$ ) (*odds ratio* 5,25 (1,78-15,45)). Em 13/53 (24,5%) pacientes a hipersensibilidade a medicamentos precedeu o diagnóstico de LES ( $p = 0,028$ ) (*odds ratio* 3,32 (1,09-10,7)). Os medicamentos mais implicados foram os anti-inflamatórios não esteroides, seguidos dos antibióticos, e a manifestação clínica mais prevalente foi o eczema em 7/18 (38%), seguida do angioedema 6/18 (33%), urticária 4/18 (22%), a manifestação cutânea mais grave foi a Síndrome de Stevens-Johnson em 1/18 (5%) das pacientes. **Conclusão:** A hipersensibilidade a medicamentos foi mais frequente em pacientes portadoras de lúpus eritematoso sistêmico, e essa manifestação antecedeu o diagnóstico de LES em muitos pacientes, e talvez possa atuar como gatilho para precipitar esta afecção ou mesmo justificado por fatores genéticos predisponentes compartilhados em comum entre LES e hipersensibilidade a medicamentos.

\* Universidade Federal de Pernambuco.